

**Arte. Natureza. Corpo. Biogeocorpografias de vidas e de mundo.<sup>i\*</sup>**

*Arte. Naturaleza. Cuerpo. Biogeocorpografías de las vidas y del mundo.*

Marcos Antônio Bessa-Oliveira

Universidade do Estado de Mato Grosso do Sul (UEMS/NAV(r)E/CNPq)

Campo Grande (MS)-Brasil

**Resumo**

A Natureza é a condição da Arte. A Natureza tem condição de Corpo. A Arte é a Natureza de muitos Corpos. Corpo é Arte da Natureza. Enfim, arte, natureza, corpo são estados *biogeocorpográficos* de vidas e mundos que convivem. Para a construção destas reflexões, que têm pensamento descolonizado acerca delas, vou me valer da lógica do que falam autoras e autores descoloniais sobre o viver “comunal” que tem variações, evidentemente, na língua portuguesa, quando traduzido do espanhol, em que um dos sentidos é o de comunitário. Ou, se usado no português, como comunal, tem sentido de comuna, *se refiere àqueles que vivem em una comuna*. Mas, como comunitário também tem, na língua portuguesa, vários sentidos, até o de periférico sem ser o de “exterioridade descolonial”, sendo este último o que busco. Assim, vou preferir usar muitas vezes o termo comunal – visando o sentido espanhol – a fim de contemplar o sentido do “viver juntos” para a subjetividade brasileira, mas claro, juntos/as/es. Ainda que, a *prioristicamente*, faço esta opção, compreendendo que comunitário, comuna e/ou vida em comunidade poderiam ter o mesmo sentido que o meu sentido almejado na discussão sobre “**ARTE. NATUREZA. CORPO. BIOGEOCORPOGRAFIAS DE VIDAS E MUNDOS.**”: o de que sejam o sentido de “viver juntos/as/es”; um pensar-sendo.

**Palavras-chave:** Arte; Natureza; Corpo.

**Resumen**

La Naturaleza tiene la condición de Arte. La Naturaleza tiene la condición de Cuerpo. El Arte es la Naturaleza de muchos Cuerpos. El Cuerpo es el Arte de la Naturaleza. En definitiva, arte, naturaleza, cuerpo son estados *biogeocorpográficos* de vidas y mundos que coexisten. Para construir estas reflexiones, que han descolonizado el pensamiento sobre ellas, me basaré en la lógica de lo que dicen los autores descoloniales sobre vivir “comunal”, que tiene variaciones, por supuesto, en la lengua portuguesa, cuando se traduce del español, donde uno de los significados es el de comunidad. O, si se usa en portugués, como comunal, tiene el sentido de comuna, refiriéndose a los que viven en una comuna. Pero, como comunidad, también tiene, en portugués, varios significados, incluso el de periférico sin ser el de “exterioridad decolonial”, siendo este último el que busco. Así, muchas veces preferiré usar el término comunal - apuntando al sentido español - para contemplar el sentido de “vivir juntos” para la subjetividad brasileña, pero claro, juntos. Aunque, a priori, hago esta elección, dándome cuenta de que comunidad, comuna y/o vida comunitaria podrían tener el mismo significado que mi acepción deseada en la discusión sobre “**ARTE. NATURALEZA. CUERPO. BIOGEOCORPOGRAFÍAS DE VIDAS Y MUNDOS**”: que son el significado de “vivir juntos”; un ser-pensante.

**Palabras clave:** Arte. Naturaleza. Cuerpo.

## Introdução – certa vez escrevi que “de artista e louco todo mundo tem um pouco.”

“Aprender a desaprender a re-aprender de outra maneira é o que a filosofia de Amawtay Wasi nos ensinou.”<sup>ii</sup> (Mignolo, 2014, p. 7, tradução livre minha).

“O pensamento vazio dos brancos não consegue conviver com a ideia de **viver à toa no mundo**, acham que o trabalho é a razão da existência. Eles escravizaram tanto os outros que agora precisam escravizar a si mesmos.” (Krenak, 2020, p. 113, grifos meus).

Tem coisas nesta vida que só de pensar parece loucura. Falar, escrever, então, parecem concretizar loucuras. No meu caso, prefiro visualizar imagens sobre loucuras para poder continuar pensando e, assim, falando e escrevendo sobre loucuras. Talvez, quem visualiza loucuras ao contrário de escrevê-las, neste mundo de “certezas”, passe mais despercebido das “sanidades” alheias. Loucuras porque em um mundo civilizado ocidentalmente tudo que foge à ordem global e “naturalizada” das coisas parece ser, de algum modo, louco, e, evidente, utópico demais para ser concretizado como possibilidade de verdade são.<sup>iii</sup>

O que vocês estão prestes a ler, de algum modo, é um pouco de todas essas coisas: loucuras de que tenho imagens, e, que por isso, penso, falo e agora dei para escrever sobre elas: arte, Natureza, corpo, vidas e mundos com suas (minhas) variações possíveis, a partir de um pensamento que nomino de descolonizado *biogeográfico* crítico fronteiro, que convivem.<sup>iv</sup> Este pensamento, sim, é, ou querendo ser, um sonho para realidades. Mesmo que como um ideal ainda imaginado, são coisas que convivem nas minhas imagens que são construídas a partir de um pensar-sendo que não se circunstância exclusivamente nas mesmas lógicas pensantes que ancoram todo um projeto de mundo para o Ocidente refletido até no que imaginamos sobre o Oriente.<sup>v</sup>

E quando afirmo não me situar numa lógica para o mundo ocidental, estou tentando elucidar que o que estou pensando não tem a ver com lógicas evidentes de ter para ser deste mundo. Desenvolver-se só faz sentido se for um desenvolvimento progressivo de, por exemplo, ser para ainda mais ser-com-o/no-outro.<sup>vi</sup> Mas, ainda que sem ser sobre não ser corpo-físico, falo de mundo físico.<sup>vii</sup> E, do mesmo jeito, ao afirmar que encontro ressonâncias que concordam com esta lógica em lugares que desconhecia, é porque tenho, mais ainda nos últimos pelos menos 24 meses, buscado um conviver que comunga, corpo, arte, natureza, vida, mundo, desejos e que vivem ser-sentindo-corpo-arte-natureza-vida-mundo.<sup>viii</sup>

Mas para não parecer e não proceder como sendo simples devaneios, ainda que não considerando devaneios como improdutivos, tentando situar meus pensamentos epistêmico-visuais agora, vou trabalhar aqui no sentido de aproximar o que tenho sustentado como um pensar-sendo (Bessa-Oliveira, 2019; 2020; 2021; 2022; 2023): com o mesmo sentido de “bem viver” e, do mesmo modo, o *Aprender a desaprender a re-aprender de outra maneira*, como estratégia epistêmica para desaprender (ou desapegar-se das) às lógicas do tem que ter para sobreviver e, assim, poder desenvolver o conviver ou como um *viver à toa no mundo* ou *Vivir Bien*. Do mesmo jeito, ainda que esforçando não ser duro, vou tentar dizer, da forma mais clara e leve possíveis, meus propósitos de arte, cultura e conhecimentos, também de corpo, vidas e mundos a fim de elucidar que, mesmo que nem tendo um pouco de “médico e louco”, é possível pensar diferente do que nos tem nos sido im-posto.<sup>ix</sup>

Evidentemente que leveza não tem nada a ver com superficialidade, improfundidade, menos ainda com inconsistência epistêmica, e, igual, não quer dizer desimportância científico como pensar-sendo-filosófico em relação ao tratamento que se quer dar às questões de arte, Natureza, corpo, vidas e mundos, como indissociáveis. Ao contrário, a minha profundidade e consistência querem estar em um lugar corpóreo outro que, igualmente àqueles dos quais estou me valendo imitando-os, não se limitam à naturalidade das coisas sem serem naturais aos corpos das coisas. Sem estar no corpo, nada para pensar-sendo tem importância a não ser como ser desprovidos do corpo: aliás, importância preocupante.

Como viver convivendo com o outro sendo a importância maior desta discussão, *aprender a desaprender* não tem também epistemicídio nenhum imposto, e, do mesmo modo, *viver à toa no mundo* não representa preguiça ou desleixo com uma ou outra lógicas de “progressos” – entre Humano e Natureza. As divergências dessas minhas condições de pensar – desaprender e à toa – em relação às lógicas padrões de repetir e trabalhar nas lógicas impostas, estão para o *comunal*, que não tem o melhor dos sentidos em língua portuguesa – de periferia comunitária apartada –, mas na minha tem sentido de viver juntos/as/es.

Pois, em busca de mundos da lógica de “exterioridade descolonial”, ainda que intrínsecos às colonizações e colonialidades, prefiro o sentido de *comunal* em sendo latino-espanhol-castelhana (e das línguas com variações indígenas), a fim de contemplar o sentido do “viver juntos” como ilustrado assim para a subjetividade brasileira. E, mais ainda, a *prioristicamente*, faço esta opção, compreendendo que comunitário, comuna e/ou vida em

comunidade poderiam ter o mesmo sentido de pensar-sendo que o meu sentido almejado na discussão sobre “ARTE. NATUREZA. CORPO. BIOGEOCORPOGRAFIAS DE VIDAS E MUNDOS.”: o de que sejam os sentidos de *Buen Vivir* que é usado no Equador e *Vivir Bien*, na Bolívia, para “viver juntos/as/es” sendo, cada um, seu Um.

**A Natureza de pensar-sendo: arte. Natureza. Corpo. Biogeocorpografias de vidas e mundos.**

“[...] as imagens me permitiram descobrir sentidos não censurados pela língua oficial.” (Cusicanqui, 2021, p. 31).

O *Buen Vivir*, o *Vivir Bien*, igualmente o *comunal* (latino-espanhol-castelhano) e o comuna em língua portuguesa, do mesmo jeito comunidade e comunitário, também *viver à toa* e *fazer-sendo*, teoricamente, são a mesma coisa. Teoricamente porque seja no meu entendimento acadêmico do conjunto, seja do entendimento dos povos originários latinos dos quatro primeiros termos – nesses *a partir de* suas “teorias-mundos” específicos – ambos não se referem ou querem se referir à ideia de ter que TER para ser e assim SOBREVIVER. Porque, ao contrário desta última lógica, buscamos SER e assim até poder ter, mas para CONVIVER.<sup>x</sup>

Mas o que tudo isso, de certa forma, tem a ver com a arte, a Natureza, o corpo, vidas e mundos, e, mais, se relacionam como *biogeocorpografias*? Bem, minha discussão girará em torno de uma ideia complementar entre arte, Natureza e corpo como sendo esses *biogeocorpografias* de vidas e de mundos porque: *bio*=sujeito; *geo*=lugar; *corpo*=singularidade; *grafias*=narrativas.<sup>xi</sup> Assim, portanto, minhas primeiras considerações dessas relações se estabelecem na ideia de que a Natureza é a condição da Arte. Que a Natureza tem condição de Corpo. Logo, a Arte é a Natureza de muitos Corpos. E, de modo evidente, Corpo é Arte da Natureza. Por fim, nesta seara, arte, natureza, corpo são estados *biogeocorpográficos* de vidas e mundos que convivem. Pois, resultante disso, esses não se dissociam em prol de uns para e com os outros.

E ao afirmar que este meu pensar de *fazer-sendo* está e sempre esteve relacionado de alguma forma por uma ótica do *viver bem* sendo em defesa da ideia de *conviver*, na mesma toada de que não sendo uma vida boa em detrimento das milhões de vidas *in-vivíveis* mundo à fora, é que beira a loucura ou a uma espécie de utopia em uma situação de mundo (contemporâneo) no qual sobreviver uns sobrepondo-se aos outros é a única possível alternativa. Desde as teorias mais articuladas, da Grécia ao chamado Mundo Moderno, o corpo sempre esteve, logicamente por causa das interpretações desse último mundo

daquele, apartado das reflexões: no máximo chegamos à ideia de *biopolítica* em que alguns têm direitos de serem menos punidos que outros porque se permitiram assemelhar-se melhor.<sup>xii</sup>

É por este e outros vários motivos que, pretendendo ter espaço para trazer em emergência aqui, o pensar para fazer-sendo descolonizado crítico *biogeográfico* fronteiriço não é, em hipótese alguma, mais uma teoria e nem quer refletir sobre algum/a/alguém. Menos ainda o é pensar sob teorias porque não pretende fazer estudos *com/sobre/para* alguém que não sejam, minimamente, reverberados nesses “alguéns” quase sempre estudados como objetos abstratos e abstraídos de suas Naturezas por esses estudos teórico-críticos epistemológicos clássicos e/ou modernos com fundamentações em pensamentos hegemônicos europeus e/ou estadunidenses, e, quando não, com origens (*latim*) nesses. Portanto, não estou propondo com esta reflexão nem me colocar no lugar de povos originários – sejam os indígenas ou sejam os povos africanos – em suas situações, e, menos ainda, falar sobre esses/essas como objetos estáticos naturais.

O pensar e o fazer descoloniais, a base do desapego<sup>xiii</sup>, também não é um pensamento a ser “aplicado” (subsidiário à distinção entre teoria e práxis), mas é o próprio ato de pensar fazendo nós mesmos, de forma dialógica e comunitária. Não é um método, mas uma maneira, um caminho para nos refazermos na busca de formas de viver e governar(nos) nas quais não vivemos para trabalhar/produzir/consumir, mas trabalhamos para viver juntos.<sup>xiv</sup> (Mignolo, 2014a, p. 7-8, tradução livre minha).

De tal modo, bem como de louco e médico, para mim, cada um tem um pouco, igualmente de loucura e utopia nos fazemos, para o bem ou para o mal da “nação”, reconhecendo os prós e os contras de ser um sujeito da diferença em um contexto-mundo no qual, também, a lógica é no mínimo de assemelhar-se trabalhando/produzindo/consumindo para sobreviver aos sistemas impostos: de arte, cultura e de produção de conhecimentos. Da mesma forma, como o óbvio muitas vezes também precisa ser dito, espero, muito sinceramente, ter conseguido evidenciar a reciprocidade que encontrei em pensamentos e filósofos originários e, conseqüentemente, em fazeres-sendo utópicos e loucos como os meus.

Especialmente porque tenho trabalhado na ideia de trazer à tona neste *paper* vidas e mundos *biogeocorpográficos* que entendem e vivem a arte, a Natureza e os corpos como um elemento único, ainda que não sendo nunca unívocos em seus entendimentos sobre esses porque pensam-sentido a partir de si. Mas, vou também tentar deixar claro, que meu pensar-

sendo está para a convivência juntos/as/es. É nesse sentido, por conseguinte, que os fazeres artístico-culturais acabam por emergir como respostas em consonância também ao meu pensar-sendo descolonizado: em que práxis e teoria – fazer-pensando-sendo – não se dissociam, e, menos ainda são instantes/instâncias que a-na-li-sam (separei silabicamente para simbolicamente ilustrar a demora do tempo de trabalhos teóricos que abstraem artefatos das culturas e não resultam em ações efetivas, e, mais ainda, benéficas às/nas culturas) fragmentos culturais dissociados das culturas-como-objetos-abstratos.<sup>xv</sup>

Deste modo, deve ficar manifesto que, inclusive, para praticarmos o conviver em estudos com essas culturas e seus indivíduos pertencentes, antes de qualquer coisa, precisamos considerar seus modos de viver bem o mundo à toa, por exemplo. Não nos cabe definir mundos alheios já que sequer damos conta de controlar nosso próprio mundo. Pois, de certo modo, e, não é de se duvidar, nossas emergências em relação às nossas a-ná-li-ses (mesmo sentido de demora) muitas vezes delongadas são urgências de quem (nós) vive o mundo e a vida toda para *trabalhar/produzir/consumir* os outros e nós mesmos já faz tempos escravizados para sobreviver como se essa fosse a única possibilidade de ter corpo naturalizado neste mundo sem vida.

Dessa forma, o sentir, o pensar e o fazer são afirmados como dimensões da práxis humana que, em vez de permanecerem como categorias para a classificação e a hierarquização das pessoas, são entrelaçadas como potências para a configuração de, por assim dizer, zonas de abordagem para questões complexas do mundo atual, entre elas as questões estéticas. Ali, os elementos macroestruturais de análise (como a matriz colonial de poder, o sistema-mundo, a geopolítica, os projetos globais) se cruzam com questões práticas singulares de arte e cultura, histórias localizadas [histórias locais] que são incorporadas (corpo-políticas) também por meio de relações de poder, no espaço cultural como um campo de batalha ideológico onde as lutas pela descolonialidade são vencidas ou perdidas.<sup>xvi</sup> (Gómez, 2014, p. 22, tradução livre minha).

Esta, por sua vez, é uma perspectiva que, como observa o autor, deve ser advertência e enormemente compreendida para aqueles/aquelas – nós, os chamados brancos, ainda que não sendo brancos, mas que não são indígenas e/ou pertencentes a outros povos étnicos originários específicos – que querem agir minimamente pensando-sendo descolonialmente em suas práticas de pesquisas de mundos e vidas, e, que, por sua vez, não querem realizar pesquisas estruturadas em bases epistêmico-metodológico-analíticas modernas e/ou pós-modernas sobre povos, culturas, artes, corpos e conhecimentos de vidas e mudos de povos originários naturalizando-os.<sup>xvii</sup> Pois, considerando nossa condição – colonizados de corpo e alma – diferente das situações dos povos originários –, não sabemos viver livres com corpos e almas em suas capacidades de viverem em situação *comunal* como “viver juntos”, em sendo

como comuna como vida em comunidade, nem fazendo-sendo a “ARTE. NATUREZA. CORPO. BIOGEOCORPOGRAFIAS DE VIDAS E MUNDOS.” como o *Buen Vivir* ou o *Vivir Bien*, a fim de “viver juntos/as/es” à toa no mundo.

Já numa perspectiva da arte, em sendo a minha ótica de que a arte é a condição da Natureza ou a Natureza de muitos corpos, e, que, portanto, o corpo é a Arte da Natureza – neste último caso, aí sim grafo Arte com a inicial maiúscula sem quaisquer pretensão e/ou vínculos de nenhuma natureza com qualquer Sistema que não o da Natureza – consigo meu ponto para viver juntos/as/es, por exemplo, por meio da arte. Pois, neste momento, para mim, consigo melhor evidenciar minha pretensão maior: tratar da Natureza como sendo a condição da Arte. Do mesmo modo a fim de afirmar e talvez comprovar que a Arte é a Natureza de muitos Corpos. E, de modo análogo, que, os Corpos como sendo a grande obra de Arte da Natureza con-vivem.

Minhas posições, então, neste sentido, sobre arte, corpo e Natureza, divergem das proposições impostas sistemicamente ancoradas em perspectivas homogeneizantes e globalizantes, igualmente hegemônicas e assimilacionistas sobre esses, e, do mesmo jeito, sobre culturas e produções de conhecimentos diferentes. Quer seja, sequer venho considerando arte como trabalho meramente geradora de recursos que fazem o indivíduo da arte subsistir sob o sistema econômico-capitalista. E, igualmente, não tenho considerado a arte como aquela Arte – sistêmica, por isso grafada agora com inicial maiúscula, que definem determinadas obras – que salva àqueles que a acessam e consomem em vínculos com esses mesmos sistemas antes descritos: dos homogêneos aos financeiramente comercial hegemônico.<sup>xviii</sup>

Mas, já de algum bom tempo para cá, esta Arte sistêmica esteve, está, e, certamente, parece que estará vinculada ao mesmo produtivismo para o trabalho e comerciais, por exemplo, como em outras áreas profissionais (a exemplo das tecnológicas e agrológicas) em que as subjetividades e/ou criações sensíveis, e, igualmente, as produções não artísticas de sistemas oficiais parecem ser totalmente dispensáveis, ou, como já afirmei, desprezáveis porque parece não haver nenhum tipo de apego por essas. É preciso, portanto, que busquemos evidenciar, minimamente não mais, mas bem mais amplamente, a lógica de que outras lógicas de mundos são possíveis, e, na verdade, se tornaram já faz algum tempo essenciais para a continuidade das vidas e mundos Naturais.

*Arte. Natureza. Corpo. Biogeocorpografias de vidas e de mundo*

O caminho da vida, da ética e das subjetividades (produzir, poupar e acumular; consumir, consumir, consumir e ser feliz) não pode ser resolvido com a transformação dos currículos e a expansão da tecnologia que, hoje, são parte do problema: as extrações de minérios que estão sendo implementadas por empresas transnacionais na Argentina (por exemplo, no Cerro de Fátima), [mas também em diferentes áreas do Brasil] que poluem a água para lavar a pedra e os detritos e extrair metais para produzir mais telefones celulares, ipods, computadores pequenos e gigantes, etc.<sup>xi</sup> (Mignolo, 2015, p. 88, tradução livre minha).

Nesses mesmos termos e tempos, a arte, o corpo e a vida parecem ter se vinculado – ainda que parecendo, às vezes, até ser involuntariamente – a sistemas que reforçam que a vida é trabalho e dinheiro ao contrário de viver à toa para aproveitar a vida. E esses sentidos de arte e de corpos acabam por reforçar, cada vez mais, a “coerência” sistêmica de que é preciso *produzir, poupar e acumular* para *consumir, consumir, consumir* e somente assim é possível ser feliz. E tudo isso é reforçado, por exemplo (e talvez esteja aí minha benevolência de que até pode ser involuntário), quando artistas, professores e até críticos e teóricos das artes engendram-se neste sistema de TER que TER para ser tentando (ou achando) que a Sua arte pode salvar o mundo ou as pessoas descorporeizadas de mundo neste mundo-sistema.<sup>x</sup>

No entanto, muitas dessas certas pessoas vinculadas ao Sistema dessa Arte sem mundos e corpos, por conseguinte, também sem arte, não se reconhecem além disso – aí não as privilegio com a bondade de talvez serem involuntários –, acabam não abrindo mão, por exemplo, de produzir, poupar e acumular, por meio de suas obras comercializadas com os sistemas que os mantêm, para apenas esses poderem continuar a *consumir, consumir, consumir e ser feliz*. E essas, do mesmo modo, insistem e reforçam impositivamente a outras vidas e mundos – a exemplo dos povos originários e seus fazeres artístico-culturais – as suas vinculações a este mundo de sistemas sem corpo e sem arte.<sup>xi</sup>

O que estou querendo dizer com essas minhas argumentações acerca da arte, do corpo, da Natureza, das vidas e mundos outros, é que sem a Natureza das coisas a arte não existe. Assim como a Natureza é um corpo, muitos corpos vivem da Natureza da arte. Logo, a Natureza é o/a/e “artista” dos corpos, das vidas e dos mundos outros possíveis. Este sentido, evidentemente, não tem romantismo nenhum em relação à arte, menos ainda tem importância fundamental em representatividade identitária definida, e, igualmente, não tem, em hipótese alguma, relações com vistas comerciais. Pois, entendendo a arte como organismo dos corpos que são das vidas e dos mundos e esses como organismos da Natureza, é imprescindível, e, também impossível conceber a arte, corpo e Natureza convivendo e como indissociáveis convivendo, respectivo-redundantemente.<sup>xii</sup>



Portanto, não estou falando de assimilar fazeres artístico-culturais antes não-sistêmicos aos Sistemas vigentes (comerciais, políticos, histórico, geográficos e até socioculturais específicos), a exemplo agora, mais recentemente, das exposições de “Arte Indígena”, “Arte Negra”, “Arte Gay” ou “Arte Trans”, entre outras tantas, grafadas entre aspas porque não são aquela Arte, que visam à inclusão aceitável desses/dessas nesses sistemas. Pois, a *prioristicamente*, não falamos em Arte do Branco, Arte do Homem Heteronormativo e, menos ainda, Arte do Europeu e/ou Arte dos Estadunidenses. Entendendo isso, igualmente à necessidade da diferença como princípio de semelhanças, é que artes, corpos, vidas e mundos diferentes – *biogeocorpográficos* – podem conviver nos sentidos aqui em discussão.<sup>xxiii</sup>

Portanto, corrobora à minha lógica disso tudo, me valendo da epistemologia crítico *biogeográfica* fronteiriça como um pensar-sendo descolonial *comunal*, compreender que lavar um saco plástico e não depositá-lo na Natureza; usar um automóvel com combustível fóssil “menos poluente”; não consumir carne animal e/ou produtos “menos” agressivos à Natureza, mas usar de cosméticos testados em animais; construir casas “modernas” com usos de tecnologias sustentáveis que dependem dos mesmos recursos naturais para serem fabricadas para, enfim, conseguirem ser menos agressivas; entre outras coisas, NÃO interrompem o “fim do mundo”. Apenas contribui significativamente para *adiá-lo* e decretar o fim como inevitável.

Da mesma forma é preciso que compreendam a relevância da arte por outras perspectivas neste cenário caótico. Não resolve mais uma Arte sistêmica tratar da morte, do assassinato, da fome, da miséria de corpos não brancos, indígenas e afro-brasileiros, por exemplo, mas também de corpos não heteronormativos e não binários como se adiassem as mortes desses. Não resolve mais esta mesma Arte “denunciar” desmatamentos, degradações de rios e mares, poluições descontroladas e muitas outras coisas que os/as/es próprios/as/es artistas-sistêmicos cometem contra os corpos, vidas, mundos e Natureza para produzirem suas supostas Artes. Pois esses/essas artistas vendem suas obras/corpos para os mesmos Sistemas que controlam o mundo para o fim do mundo. Tudo isso é um sistema sustentável infundado e inútil com fim em si mesmo: pois, afinal, todos/as/es pagarão as contas finais do mesmo modo autossustentando nosso fracasso.

A estética descolonial remete-nos para o fazer (e os fazeres) descoloniais, de modo a libertar a estética da estética [ocidental]. Não se trata de uma “nova estética”, mas

*Arte. Natureza. Corpo. Biogeocorpografias de vidas e de mundo*

da desvinculação tanto da linearidade do novo como da regulação moderna/ocidental da estética. [...]. A criatividade abriu-se em percursos descoloniais do fazer que se apropriam e se desprendem da arte, da estética, e se abrem ao fazer (a arte é a capacidade de fazer algo) e à estética (o sentimento, a emoção, a afetividade, a confiança (como diz Alina) e, no fundo, à biologia do amor, como diz Humberto Maturana. Afinal, a descolonialidade não é apenas um confronto com as formas de dominação política, jurídica, militar e econômica, mas é também, e sobretudo, uma árdua tarefa de descolonialidade do conhecimento e da subjetividade e o encontro da espiritualidade libertada da caixa em que a religião a aprisionou.<sup>xxiv</sup> (Mignolo, 2016, p. 10-11, tradução livre minha).

A descolonialidade como opção outra ao capitalismo e ao socialismo por incrementar lógicas outras de sistematização econômico-comercial-financeira permite, por exemplo, outras sistemáticas também acerca das artes, culturas e conhecimentos. Pois, como estamos, lamentavelmente, sustentabilidade, preservação, natural, corpo, vida e mundo estão, do mesmo jeito que a economia, associados a necessidade de ter que ter para sobreviver. Por isso, culturas não ligadas à economia capitalista, no sentido amplo de ganância econômica, ora são taxadas de alienadas e ignorantes, ora são vistas como indivíduos que não gostam de trabalho – popularmente chamados os preguiçosos – porque não veem sentido de vida e mundo, igualmente de arte, corpo, cultura e conhecimentos em quaisquer papéis-moedas impressos pelo próprio homem que se autodenomina moderno.

Do mesmo modo a linha cronológica – temporal e espacial – instituída para resguardar as Artes chamadas de Arte Contemporânea, mais que nunca tem reforçado a dependência e associação desta Arte aos sistemas vigentes de mercado e trabalho. Mais se ressaltam menos artistas e obras para evidenciar a necessidade de mais artistas e obras trabalhando para fazerem girar comercialmente um mercado de altos lucros e valores a partir de poucas obras e artistas. Mais se desvincula a arte da contemporaneidade de tempo e história localizados nos presentes – experiências como tenho chamado o experimentar e viver fazer-sendo – para reforçar a necessidade de uma Arte que evidencia sua dependência de tempo passado e lugares específicos colocando-os como evidentemente necessários. É, igualmente, um mesmo círculo desenvolvimentista da economia capital como progresso: empresta-se para quem não tem a fim de torná-lo dependente de quem tem fingido dar-lhes independência. Portanto, dinheiro (economia) também tem a ver com tempo (história) e lugar (geopolítica).

Esta percepção, de algum modo – evidentemente também relacionada a dinheiro e moedas de trocas que não sejam a convivialidade e o escambo entre bens culturais diferentes necessários em situações diferentes das suas construções –, parece não se vincularem às artes e aos mundos e vidas não sendo ocidentalizados. No entanto, em sendo nós

sobreviventes na exterioridade às interioridades dos projetos de homogeneização/globalização – moderno (europeu), pós-moderno (estadunidense), colonização europeia e globalização estadunidense, por conseguinte economicamente dependências das colonialidades de poderes como necessidades desses mundos criados como ocidentais –, somos obrigados a vincular tudo ao trabalho, consumir, para ter e sobreviver.

E não escapa a isso a arte e a forma de ver (ler) a produção de arte no mundo todo independente de todos os mundos participarem ou não desse mundo constituído pelo dinheiro.<sup>xxv</sup> Por isso, do mesmo jeito, opto por ver a partir de corpos e diferenças a arte para visualizar e irromper com apenas à lógica de ler o mundo (da arte) como descrito pelas óticas coloniais. Isso, de algum modo, possibilita também enxergar que o mundo não está constituído nesta única narrativa historiográfica – linear, situada em geografia e tempo específicos – e que, do mesmo prisma, sendo ou não para a arte, permite vislumbrar as visualidades de mundos alternativas em que conviver (*Buen Vivir* ou o *Vivir Bien comunais*, à *toa no mundo*) são possíveis ao contrário de sobreviver para trabalhar até morrer ainda que por meio da arte.<sup>xxvi</sup>

Sem nenhum romantismo, portanto, ao me referir que “Natureza é a condição da Arte” estou defendendo e insistindo em uma visão de arte em que os Sistemas comerciais não se infiltram naturalizando-a como qualquer arte como sistêmica. E, do mesmo modo, “qualquer arte” não está reduzindo ou ampliando este ou aquele entendimento de arte ou Arte. Imediatamente igual, quando me refiro que a “Natureza tem condição de Corpo” estou insistindo na ideia de que a Natureza não é um Sistema-mundo desvinculado do corpo humano e, por conseguinte, é o Corpo (Natureza) que constitui nosso próprio corpo enquanto sistema humano, nunca como Sistema apartado de corpo e de humanidade como um Sistema Eco-lógico restrito.<sup>xxvii</sup> Na mesma constância, a “Arte é a Natureza de muitos Corpos” que dependem de arte e Natureza para conviver, nunca sobreviverem. Pois, a sobrevivência por meio da arte cai no Sistema da Arte que tem origens e bases mercantilistas produtivistas, progressistas, e, Natureza acaba por ser um Sistema naturalizado em prol de garantias de sobrevivência agroeconômicas, por exemplo, dentro de um sistema finito sem mundo, vida e arte e morte.

Esses todos, por suas vezes, de modo que emergencia ficar muito claro aqui, “Corpo é Arte da Natureza” porque o primeiro é a constituição da necessária existência da Natureza que, mais uma vez sem ser romântico, molda o corpo como arte de vida e de mundo naturais – nunca naturalizados – necessários para sua (do corpo) existência. Não diferentemente, por fim, é impossível pensar tudo isso – arte, natureza, corpo – desvinculados porque esses são o que venho compreendendo ao longo dos últimos anos como estados *biogeocorpográficos* de vidas e mundos que para se manterem vivos re-existem e convivem opostamente às lógicas de “igualdade”, naturalização/naturalidade, hegemonia/hierarquia/homogeneidade de Corpo, Arte, natureza e Vidas e Mundos (sistêmicos, por isso iniciais maiúsculas onde não deveria e a falta dela onde naturalmente precisaríamos) que sobrevivem a essas lógicas baseados na necessária busca pelo desenvolvimento: ainda que “sustentável”.

### **Considerações – de arte, Natureza e corpo todo mundo precisa “um pouco”**

“Aceitemos: para a maioria dos habitantes do planeta, o capitalismo não representa uma promessa ou sonho: é um pesadelo realizado.” (Acosta, 2016, p. 54).

“A necessidade de nos “desprendermos” de tais ficções naturalizadas pela matriz colonial de poder é a teoria (que) o pensamento descolonial transforma em projetos e processo.”<sup>xxviii</sup> (Mignolo, 2014, p. 7, tradução livre minha).

“É preciso, portanto, descolonização do pensamento (pensar-filosofar; pensar-sendo).” (Bessa-Oliveira, 2023, p. 15).

“É uma mentalidade doente que está dominando o mundo.” (Krenak, 2020, p. 80).

Imaginemos a *diversalidade* como opção à neutralidade da colonização que naturalizada promove a morte e contra as colonialidades que promovem a naturalização por meio da assimilação foucaultiana que acabou por permitir até matar porque os corpos das diferenças, nestes casos, não farão/fazem a menor falta/diferença. “Para três quartos do mundo, o mercado não é um lugar onde os salários são “consumidos”, mas um lugar de encontro, de sociabilidade, de troca, em comunidades onde as pessoas trabalham para viver e não vivem para trabalhar e consumir.”<sup>xxix</sup> (Mignolo, 2014, p. 7, tradução livre minha). Como opção às imposições da modernidade (colonização) e da pós-modernidade (colonialidades), a *diversalidade* emergencia em consonância às alternativas diversativas de *Buen Vivir* (equatoriana), o *Vivir Bien* (colombiana) e os *comunais* (latino-espanhol-castelhano), assim como ao viver *à toa no mundo*. Logo, para fazermos-sendo nas individualidades, mas em comunhão uns/umas com outros/as/es.

E a diversidade não tem restrições em nenhum dos aspectos em relação à arte, a cultura e a produção de conhecimentos, menos ainda em desfavor a qualquer tipo de corpo, Natureza, vidas ou mundos. Logo, diversidade é um sinônimo adversativo de *biogeocorpografia*. Quer dizer, cada sujeito, corpo, lugar e grafia são únicos nas suas especificidades. Evidentemente, portanto, cada vida importa, e, muito, nas suas particularidades, as em coexistência em diversidade/*Buen Vivir/Vivir Bien/comunais/ao viver à toa no mundo* fazendo-sendo. Neste tocante, por exemplo, cada gota d'água, cada folha de árvore e cada ser que habita esses, cada corpo vivo importa e, no meu princípio é parte do que se torna evidente dizer que: “Toda forma está na Natureza!”<sup>xxx</sup>. A Natureza, porquanto, é a base de todas as criações humanas, incluindo-a (a humanidade), ao ponto de nada ser dispensável na Natureza ao humano. Entretanto, algumas vidas foram, como já dito, se não aqui, mas em vários outros lugares, desimportantes/desimportantadas, logo, desumanizadas e descorporificadas: sem nenhuma importância de existência.

Um rio importa. Uma mata importa. As vidas importam! A diversidade constitui-se como um pensar que deriva da lógica de vidas comuns individuais, mas em *comunal*. Diante disso, os seres, sentires e saberes, assim como os fazeres são indissociáveis das situações (geográficas), bem como reverberam narrativas (artístico-culturais) situados nesses sujeitos+lugares+corpos, iguais, por conseguinte, são indissociáveis aos corpos. Logo, arte, cultura e conhecimentos são produções e produzidos SENTIDOS nos próprios corpos. Do mesmo modo, são corpos, vidas em mundos em que *as pessoas trabalham para viver* e poderem continuar tendo da Natureza sem degradá-la, e, não vivem para trabalhar e consumir a Natureza até exterminá-la. A Natureza é a condição da Arte desses corpos em seus fazeres. A Natureza tem condição de Corpo porque constitui parte indissociável de seus sentires. A Arte é a Natureza de muitos Corpos porque esses as sentem. Corpo é Arte da Natureza porque esta é evidentemente necessária à existência daqueles. Enfim, arte, natureza, corpo são diversidade de estados *biogeocorpográficos* de vidas e mundos que convivem.

Em não sendo o mundo da Natureza em discussão o mundo para o trabalho, o corpo convive ao invés de sobreviver. No entanto, o mundo em vigência para todos os mundos que não somente trabalham para TER, é um mundo em que desenvolvimento e progresso acercam a condição de ser, sentir e saber para existirem a homogeneidade: visão e oposição

à diversidade. Assim, os corpos não constituídos naturalmente para o trabalho são dispensáveis e/ou desumanizados. Os corpos não disponíveis para a padronização e/ou para desenvolver para consumir e consumir e, assim, alcançar e promoverem o progresso não servem ao Sistema. E, do mesmo modo, são os corpos da arte, da cultura e de conhecimentos que não estejam vinculados ao desenvolvimentismo cronológico do Sistema-mundo instituído desde o século XVI e re-forçado a partir do século XIX que não servem em um Mundo da Arte sistêmica naturalizado.<sup>xxxii</sup>

Igualmente, as produções que não se ilustram nas mesmas linhas cronológicas e/ou geopolíticas das construídas nos passados, renascentista, por exemplo, mas também vanguardistas e/ou pós-modernistas estadunidenses, ficam alijadas a lugares de artes, culturas e conhecimentos limitados a obras de grupos exóticos; culturas populares; e/ou como sendo sentidos comuns. As referências que devem construir e constituir as produções desses mundos não-ocidentais devem sempre ser oriundas de mundos sem vidas e humanidades em relação com a submissão da Natureza para demonstrarem-se que se mantêm sob controles daqueles coloniais. Neste caso, igualmente, escolas e universidades, na busca dos “seus lugares ao Sol” dos desenvolvimentos e progressos econômicos mundo à fora, ainda que em lugares como Mato Grosso do Sul em que “tem um sol para cada um”, se vinculam às tecnologias, inovações e internacionalizações – palavras-chaves e chavões de ordens atuais globais – de todos os Estados e Empresas Privadas que buscam por participar desse Sistema-mundo ao invés de compartilhar experiências e vivências (experivivências) com mundos e vidas diferentes.

Sobre esses progressos e desenvolvimentos delinquentes:

Sem ignorar as vantagens que podem ser obtidas com os avanços tecnológicos, queremos superar as visões ingênuas e até mesmo simplórias com que são recebidos estes “avanços”. E, sem negar os elementos positivos da ciência e da tecnologia, há que se compreender o que representam os elementos fundacionais das ideias ainda dominantes de progresso e civilização: ideias que amamentaram o desenvolvimento, convertendo-o em uma ferramenta neocolonial e imperial. (Acosta, 2016, p. 58).

Igualmente, já acerca da condição de mudança necessária em contextos alheios aos dos dominadores, em especial a partir das escolas e universidades, é necessário que se reforce o que é quase óbvio, que:

As universidades, assim como Wall Street e Detroit, precisam ser regulamentadas. Quem fará esse trabalho e com que finalidade? Se n\*s, todos n\*s, quisermos viver bem em vez de viver melhor do que nossos vizinhos – como o presidente boliviano Evo Morales vem declarando com base na tradição da filosofia aymara e não na filosofia de vida iluminista grega e europeia, para a qual a “natureza” tem de ser conhecida e dominada –, então a regulamentação tem de ser pluri-versal e não uni-

versal, como é no fórum central sobre universidades criado em Davos.<sup>xxxii</sup> (Mignolo, 2015, p. 88, tradução livre minha).

Por outra perspectiva, acerca de mundos e vidas outros, dos quais não quero ser representante e nem identificado, em hipótese alguma, como aquele intelectual universitário-acadêmico que não fala *a partir* do corpo que sente, porque é aquele que fala sobre o corpo do outro, é lógico e absurdamente importante saber que meus estudos/reflexões, aqui ou em outros quaisquer lugares, não estão na ordem de falar sobre e menos ainda para alguém. Pois, se mundos e vidas – tecnológicos, inovadores e internacionais (em sentidos de conviverem em trocas de artes, culturas e conhecimentos diferentes entre sujeitos=*bio*; lugares=*geo*; narrativas=*grafias*) – não são vistos como outros, não me interessam. Aliás, sem vidas e mundos, artes, culturas e conhecimentos não têm Natureza. Logo, não existem para mim enquanto pesquisador de *biogeocorpografias*. Pois, ainda que insistam, esses, *biogeocorpografias*, na minha ótica, têm vidas e mundos que concorrem, no melhor sentido do termo a partir da descolonialidade, com as modernidades e pós-modernidades ocidentais que nos foram/são impostas, com suas especificidades modernas não consideradas.

[...] – tanto na Espanha quanto na América Ibérica – o que é pouco conhecido sobre os mundos indígenas são os estudos sobre os indígenas feitos por estudiosos não indígenas. Portanto, este volume nos lembra que não é suficiente purgar nossa culpa *estudando ou reconhecendo* a indigeneidade, uma dimensão crucial em todas as Américas, destituída primeiro pelos colonizadores ibéricos e depois pelos crioulos e mestiços que fundaram as repúblicas e continuaram a destituição do conhecimento e da práxis da vida, tanto indígena quanto afrodescendente.<sup>xxxiii</sup> (Mignolo, 2021, p. 13, grifos do texto, tradução livre minha).

Nestes últimos pontos tratados, a evidente importância da descolonização, da descolonialidade ou ainda do pensar descolonial – especialmente como tratado até aqui –, a partir da condição e situação de re-existências de mundos e vidas outros, divergem de continuidades teóricas, artísticas, culturais e de produção de conhecimentos, mas, muito mais especialmente, divergem das lógicas sobre arte, cultura e conhecimentos, também de natureza e de vida e mundo como sendo estes sistêmicos como constituídos sem mundos e sem vidas. Uma constituição, como já dito aqui ao longo da reflexão, baseada numa lógica também louca e utópica, mas que de tão reforçadas e repetidas acabaram por se constituírem como sanidades e realidades desenvolvimentistas e progressistas para o resto do mundo. De tal modo, nenhuma ideia teórica baseada nas mesmas “sanidades” e “realidades” ocidentais – europeias e/ou estadunidenses, ou, mesmo de ex-colonizados desses que continuem suas

matrizes coloniais e de colonialidades em franco desenvolvimentos – resolverão, ou ao menos frearão, o progresso e desenvolvimento desenfreados e autossustentáveis em si mesmos.<sup>xxxiv</sup>

A “descolonização” não é mais entendida em relação a “tomar o Estado”, mas a uma tarefa mais radical: a de dismantlar todo o sistema de conhecimento que sustenta e justifica o Estado moderno e moderno/colonial associado à colonialidade econômica e ao controle das subjetividades.<sup>xxxv</sup> (Mignolo, 2015, p. 10, tradução livre minha).

E mais ainda, “[...] a colonialidade do poder era [e continua sendo] a lógica subjacente de todo o colonialismo ocidental [...]”<sup>xxxvi</sup> (Mignolo, 2015, p. 10, tradução livre minha) a fim de manutenção destes por meio do desenvolvimento e do progresso baseados nos mesmos pressupostos continuístas da colonização do século XVI ainda no século XXI: “[...] a tarefa necessária e urgente proposta por Quijano de nos desvincularmos do eurocentrismo era e é uma tarefa epistêmica e não militar. O primeiro passo para a descolonialidade é, portanto, o desprendimento<sup>xxxvii</sup>, a palavra que intitula e orienta o que estamos fazendo [...]”<sup>xxxviii</sup> (Mignolo, 2015, p. 10, tradução livre minha). Nem tomada teórica, menos ainda conquista militar, pensar a partir de um pensamento descolonizado para pensar-sendo ou fazer-sendo arte, cultura, conhecimentos, Natureza, vidas e mundos não coloca um “S” como sendo uma “pedra no meio do caminho” como já houvera ressaltado Carlos Drummond de Andrade em sua literatura. A título de esclarecer tudo isto, mais uma vez, ainda que sabendo que não será de “uma vez por todas” a última, pois a universidade e seus acadêmicos preferem insistir na continuidade de “mais do mesmo”, cabe ressaltar que:

Uma vez que se concordou que, se o padrão de poder foi formado em torno das promessas da modernidade e de sua legitimação na racionalidade, enquanto ocultava seu lado sombrio, a colonialidade, a tarefa de romper com a colonialidade seria constituída pela descolonialidade. **Naquela época, surgiu entre nós a necessidade de especificar se era mais apropriado chamar a tarefa de romper com o padrão colonial de poder de “decolonialidade” ou “descolonialidade”.** Por um lado, começou-se a argumentar que “decolonialidade”, sem o “s”, marcava com maior definição o deslocamento (bem como a continuidade), com “decoloniality” carregando o peso da transmutação de palavras do francês e do inglês (decolonialité, decoloniality), enquanto em espanhol a palavra correspondente seria “descolonialidad”. **Minha posição a esse respeito sempre foi a de que o importante não é se deixamos ou tiramos o “s”, mas a que estamos nos referindo quando falamos em romper com o padrão colonial de poder, ou seja, a colonialidade do poder. A partir desse momento, cada um escolheu de acordo com suas próprias preferências. No entanto, o desprendimento é o primeiro passo, pois o desprender-se implica perspectiva, caminhar no horizonte que se abre quando nos desprendemos.**<sup>xxxix</sup> (MIGNOLO, 2015, p. 10-11, grifos e sublinhados meus, tradução livre minha).

Logo, tudo isso corrobora com a minha lógica-prático-sistêmica de que não se trata de simplesmente manipular e ainda que teorizar levando em consideração noções *decolonial*, de *decolonialidade* ou *decolonização* e continuar com a cabeça enterrada e sendo um



colonizado(r)-oprimido-opressor soterrando cabeças, corpos, Natureza, mundos e vidas – pensamentos e/ou subjetividades das diferenças – na colonização e/ou colonialidades europeias e/ou estadunidenses a fim de continuá-los como se fossem suas.

Por fim, a fim de de fato concluir, o que a universidade, por conseguinte, os/as e até “es” acadêmicos/as/es (docentes e discentes) não entendem, é que dessa vez não estamos falando em viver junto teoricamente amancebados – colonizadores e colonizados, colonizando e sendo colonizados que colonizam – como se os primeiros estivessem abrindo mão de ser colonizadores (assassinos e exterminadores como sempre foram) e como se nem os colonizados estivessem mais dispostos a somente sobreviverem (como subordinados, subalternos sempre sendo vistos apenas por debaixo das óticas daqueles e tendo retirados suas vidas e mundos). Agora, a **descolonialidade**, a **descolonização** do pensamento (ou como venho dizendo, a **descolonização** da subjetividade – por meio de **descolonizar** o ser a partir de uma “epistemologia do Ser” como vem pensando um orientando de mestrado<sup>xl</sup>) – é a condição/situação de diversidade/*Buen Vivir/Vivir Bien/comunais*/e ao viver à toa no mundo fazendo-sendo absolutamente como sujeitos das diferenças coloniais que está em evidência. Esta é a minha opção, a partir do momento em que escolhi os meus propósitos com o **pensamento descolonial** como preferência de mundo, de vida, de corpo, de arte, de cultura e de produção de conhecimentos outros fazendo-sendo a partir de dois princípios: 1) pois, penso a partir de nós, os nominados brancos, ainda que não sendo branco, mas que subjugamo-nos e subjugamos o nosso próprio pensamento ao pensamento do branco europeu/estadunidense – ainda que nem sendo aqueles totalmente brancos (bastou pensar de lá para nós usarmos-los aqui), que continuamos colonizados; e, 2) penso com (junto) os povos originários que, ainda que de fato colonizados historicamente, sempre lutaram com suas armas de vidas e de mundos Naturais contra a colonização e que são de fato **descoloniais** ainda que colonizados. Fatos, aliás, que a universidade e as/os/es acadêmicos/as/es também não sabem lidar porque não compreendem que ser **descolonial** não significa apenas não ser ou ter sido colonizado: é uma questão de pensamento de vida e de mundo que não operam e não dependem de operações teóricas, mas de compreensões outras (sensíveis) de “ARTE. NATUREZA. CORPO. BIOGEOCORPOGRAFIAS DE VIDAS E MUNDOS.”.

## Referências

- ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- BESSA-OLIVEIRA, M. A. ARTE E TRABALHO. ARTE COMO TRABALHO. TRABALHO DA ARTE. **Revista da FUNDARTE**, [S. l.], v. 55, n. 55, 2023. DOI: 10.19179/rdf.v55i55.1212. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/1212>. Acesso em: 3 jul. 2023.
- BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. “Pensamento descolonizado como re-existência e resposta à pergunta: “¿Podemos pensar los no-europeos?””. In: NOLASCO, Edgar César; RODAS, Francine Carla de Salles Cunha. (Orgs.). **Experivivências criativas e teóricas**: teorização em tempos pandêmicos. Campo Grande, MS: Life Editora, 2022, 123-154.
- BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. PENSAMENTO DESCOLONIZADO COMO RE-EXISTÊNCIA DE PASSADO NA ARTE: PENSAR-NÃO-SENDO EUROPEU.. In: **(Re)existências**: anais do 30º encontro nacional da ANPAP. Anais...João Pessoa(PB) ANPAP, 2021. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/30ENANPAP2021/371014-PENSAMENTO-DESCOLONIZADO-COMO-RE-EXISTENCIA-DE-PASSADO-NA-ARTE--PENSAR-NAO-SENDO-EUROPEU>. Acesso em: 11 Mar 2022.
- BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. **Arte Biogeográfica, Processos Criativos & a Covid-19**. Campo Grande, MS: Life Editora, 2020.
- BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Por uma história e teorização outras da arte latino-americana: debates acerca do pensamento descolonial em arte, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. **Anais [...]** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 250-270. Disponível em: [http://anpap.org.br/anais/2019/PDF/ARTIGO/28encontro\\_\\_\\_\\_BESSA-OLIVEIRA\\_Marcos\\_Ant%C3%B4nio\\_250-270.pdf](http://anpap.org.br/anais/2019/PDF/ARTIGO/28encontro____BESSA-OLIVEIRA_Marcos_Ant%C3%B4nio_250-270.pdf). Acesso em: 11 Mar 2022.
- CALCANHOTO, Adriana; CAYMMI, Alice. “Metade”. In: CALCANHOTO, Adriana. **Nada Ficou no Lugar**. Sony Music Entertainment, Inc. 2019, faixa 2. Data de lançamento: 2019.
- CUSICANQUI, Silvia Riviera. **Ch’ixinakak utxiwa**: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores. Traduzido por Ana Luiza Braga, Lior Zisman Zalis. São Paulo: n-1 edições, 2021.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Pesquisa e organização Rita Carelli. 1ª ed.. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- GÓMEZ, Pedro Pablo. “Introducción: trayectorias de la opción estética descolonial”. In: GÓMEZ, Pedro Pablo; [et.al.]. **Arte y estética en la encrucijada descolonial II**. Compilado por Pedro Pablo Gómez. 1ª ed.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014a, p. 11-28. (El desprendimiento/ Walter Mignolo).
- MIGNOLO, Walter. Prefacio”. In: KEME, Emil; [et.al.]. **Indigeneidad y descolonización**: diálogos trans-hemisféricos. Compilación de Emil Keme. 1ª ed.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2021. (El desprendimiento).
- MIGNOLO, Walter. “Prefacio”. In: LOCKWARD, Alanna; [et.al.]. **BE.BOP 2012-2014**: el cuerpo en el continente de la conciencia negra. Compilado por Alanna Lockward. Traducción de Laura Judit Alegre. 1ª ed.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2016, p. 9-11.

MIGNOLO, Walter. “El fin de la universidad tal como la conocemos: foros mundiales hacia futuros comunales y horizontes descoloniales de vida.”. In: PALERMO, Zulma; (Comp.). **Des/decolonizar la universidad**. 1ª ed.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2015, p. 85-102.

MIGNOLO, Walter. “Prefacio”. In: PALERMO, Zulma. **Para una pedagogia decolonial**. 1a ed.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014, p. 7-12. (El desprendimiento / Walter Mignolo).

MIGNOLO, Walter. “Prefacio”. In: GÓMEZ, Pedro Pablo; [et.al.]. **Arte y estética en la encrucijada descolonial II**. Compilado por Pedro Pablo Gómez. 1ª ed.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014a, p. 7-10. (El desprendimiento/ Walter Mignolo).

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF–Dossiê: Literatura, língua e identidade**, Niterói, RJ, v. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: [www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf](http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf). Acesso em: 06 Jul 2023.

## Notas

<sup>i</sup> Este texto está vinculado a um Projeto de Pesquisa intitulado “PRÁTICAS CULTURAIS LATINO-FRONTIARIAS: ARTES DE “PAISAGENS”, SILÊNCIOS E APAGAMENTOS EM CENA NA CULTURA SUL-MATO-GROSSENSE”, cadastrado na Divisão de Pesquisa/PROPP/UEMS, sob o protocolo 277652.1602.1343.05012022, e é vinculado ao Grupo de Pesquisa **NAV(r)E** – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas – UEMS/CNPq.

\* Uma versão foi publicada em: BESSA-OLIVEIRA, M. A. **Arte. Natureza. Corpo. Biogeocorpografias de vidas e de mundo**. **SciELO Preprints**, 2023. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.6492. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/6492>. Acesso em: 5 ago. 2023.

<sup>ii</sup> “Aprender a desaprender para re-aprender de outra maneira, es lo que nos enseña la filosofía de Amawtay Wasi.” (Mignolo, 2014, p. 7).

<sup>iii</sup> Mas, às vezes, a gente vai encontrar consonâncias em lugares que não esperamos ou em lugares que não imaginávamos ver ou ler coisas que concordam ou concordassem com nossos pensamentos que parecem, até para a gente mesmo, muitas vezes utópicos demais. Às vezes a gente não se vê parte de vidas dos/nos Outros. Às vezes, certas vidas parecem ser tão distantes da gente que não conseguimos ver a maior das relações postas pela natureza da hereditariedade. Especialmente quando a vida parece viver ou estar vivendo em verdadeiros caos ou, como diriam muitos, em verdadeiros estados de totais impossibilidades, mínimas que sejam, de pensar em transformações, menos ainda em poder sugerir mudanças que tenham consonâncias com outros (*a partir de*) pensamentos de mudanças que transformam. Tenho vivido (me visto) em mundos em que não vivia (me via) antes!

<sup>iv</sup> Mais uma vez, vou alertar ao/à leitor/a de que meu pensamento descolonizado em nada tem a ver com um suposto modismo teórico-crítico. Primeiro, porque não entendo este pensamento sequer como uma possibilidade teórico que se colocaria melhor ou pior que outras. Segundo, porque por ser um pensamento, tudo isso, sendo loucura ou utopia, está um pouco – ou totalmente – em relação ao meu corpo: preto; homem não heteronormativo; descendente de um pai branco e de uma mãe preta que, de algum modo, aquele parece não ver essa preta e talvez até essa mãe não se veja e aos seus como pretos; professor universitário que sofre por não conseguir ainda importar aos/às corpos/corpos dos/das alunos/alunas e colegas a necessidade emergencial de que temos que fazer-arte-sendo diferente de arte-tendo-que-ser para propormos nossa trans-formação no mundo. Lógico, minha situação cotidiana – dia e noite – não é simplesmente de ir e vir e tem ficado difícil: ando vivendo ou,

como compôs e cantou Adriana Calcanhoto, sem ser romântico demais: “Eu perco o chão/ Eu não acho as palavras/ Eu ando tão triste/ Eu ando pela sala/ Eu perco a hora/ Eu chego no fim/ Eu deixo a porta aberta/ Eu não moro mais em mim [...]” (Calcanhoto; Caymmi, 2019, f. 2). Do mesmo modo, as fugidas que tenho tentado dar não têm me ajudado muito a lidar com toda a falta de mim, do que sou agora porque fui despertado e que reconheço, sinto falta porque sofro da falta do que não está comigo, mas é presença o tempo todo em mim.

<sup>v</sup> A *partir de* e *sobre* – nessas minhas reflexões – têm sentidos significativos considerando a situação de um pensar-sendo: a *partir de* leva em consideração a necessidade de ouvir as vozes vistas como dissonantes dos projetos homogeneizadores colonial/colonialidades; *sobre* tem conotação imperativa em que se fala pelo outro, pior, sem nenhuma condição de sê-lo, e, menos ainda, ouvi-los, este, logo, não usável.

<sup>vi</sup> “ser-com-o/no-outro” tem sentido numa discussão que estou construindo acerca das questões de Ética e Outro descoloniais ao contrário de Ética e outro ou de ética para Outros moderno/pós-modernos coloniais homogeneizantes.

<sup>vii</sup> As minhas discussões aqui e em vários outros lugares desta perspectiva descolonial não estão para discussões que tratam da imaterialidade corpórea e desconsideram o corpo físico, este sempre punido na ótica ocidental de mundo. Portanto, minha condição de corpo, assim como a de várias autorias em referências neste texto, estão para a felicidade também física do corpo ainda que consciente da futura possível (ou até não) felicidade e/ou infelicidade da imaterialidade corpórea.

<sup>viii</sup> Evidentemente os preceitos de “corpo, arte, natureza, vida, mundo” não estão igualmente ligados às lógicas hegemônicas que sucedem umas às outras tentando ludibriar o caos/ruína umas das outras. Em nenhum desses estou buscando sentidos figurados e/ou metafóricos. Minhas colocações nesta reflexão, especialmente, têm sentidos reais dessas coisas todas no corpo, no meu corpo. Um corpo que tem buscado mais sentir para Ser do que nem sentir, mas ter que Ter.

<sup>ix</sup> Vou buscar uma leveza porque onde tenho encontrado ressonância com concordância, no que venho pensando, evidencia-se por meio de muita leveza que eu mesmo não sabia ver(ler): ao menos para mim. Parecendo não querer impor nada. O que se desenha como meu desejo. Ainda que para alguns/algumas esse desejo e leveza ora pareçam devaneios e romantismos, ora caracterizam supostas loucuras ou sentidos comuns.

<sup>x</sup> Já sem o restrito sentido teórico em si desses termos, pensando neles nos próprios corpos, evidentemente que cada um tem, em si, na sua comuna/comunidade/sociedade um entender-sendo. Mas, a *priori*, minha sensibilidade quer entendê-los como *comuns* considerando o que venho construindo epistemologicamente a partir do pensar-sendo em situação/condição de exterioridade aos pensamentos e projetos moderno (europeu) e pós-moderno (estadunidense) que, de modo comum também – ainda que em sentido distinto dos termos originários –, têm “tentado” constituir uma “sociedade singular” baseada em suas óticas de “igualdade”, naturalização/naturalidade, hegemonia/hierarquia com fins desenvolvimentistas para si enquanto ordem de progresso.

<sup>xi</sup> Desde o início, inclusive no título, tenho dado preferência por grafar Natureza com inicial maiúscula – no caso daquele não apenas pela pontuação do título –, mas no decorrer do trabalho como um todo é posto para desnaturalizar, inclusive, a lógica de naturalidade das coisas que não são iguais à Natureza dessas. Pois, para mim, quero que fique muito bem definido a diferença entre o que é da ordem Natural das coisas Naturais da vida em relação às coisas que foram naturalizadas por diferentes motivos de uma ótica sobre coisas: político, econômico, social, cultural, ético, estético, entre outros.

<sup>xii</sup> A minha não é uma simples reflexão “contra” este ou aquele pensamento e/ou epistemologia e teoria, a exemplo da referência à *biopolítica* ou outras/outros que evidenciarão nesta reflexão. Pois, meu tratamento acerca desses na perspectiva de pensar-sendo é que na sua grande maioria essas outras/outros pensares estiveram na restritos na perspectiva do pensar-sobre.

<sup>xiii</sup> Fiz opção em traduzir “desprendimiento” para desapego por considerar que desapegar-se tem conotação de renunciar a alguma coisa com fundamento mais profundo aos/às/es materialistas do que desprender-se tem em língua portuguesa. Ainda que a lógica do pensamento seja, como grafado na grande maioria das bibliografias, o desprendimento. Do mesmo modo, “desobediência epistêmica” não quer dizer fazer o que o sistema da arte não quer como simples ato de desobedecer ao mestre.

---

Mas o é fazer de uma forma que os sistemas oficiais não reconhecem como possibilidade de feita, por exemplo, de arte, cultura e conhecimentos anti-sistêmicos.

<sup>xiv</sup> “El pensar y hacer descolonial, base del desprendimiento, no es tampoco un pensamiento para “aplicar” (subsidiario de la distinción teoría y praxis), sino que es el acto mismo de pensar haciéndonos, e de modo dialogal y comunitario. No es un método, sino una vía, un camino para rehacernos en la búsqueda de formas de vivir y de gobernar(nos) en las que no vivamos para trabajar/producir/consumir, sino que trabajemos para con-vivir.” (Mignolo, 2014a, p. 7-8).

<sup>xv</sup> Tais colocações são fundamentais, mas não exclusivas, por exemplo, para a arte, a Natureza, corpos e suas vidas em mundos *biogeocorpográficos* diferentes. Mas, não posso deixar de tocar, considerando as diferenças, igualmente são também cruciais serem compreendidos na produção de conhecimentos circunstanciados nas culturas em que o *Buen Vivir* equatoriano ou o *Vivir Bien*, na *Bolívia*, assim como para o “viver juntos/as/es” fazendo-sendo meus e o *viver à toa* também compreendem os conhecimentos em relação com os corpos e a Natureza das coisas em seus corpos. Quero propor compreensão acerca disso ao ressaltar que cada modos de ser-pensar-fazendo e/ou fazer-pensar-sendo tem a sua especificidade, evidentemente, na/para a produção de saberes/conhecimentos/ciências nas suas respectivas culturas.

<sup>xvi</sup> “De esta forma, se afirma el sentir, el pensar y el hacer, como dimensiones de la praxis humana que, en vez de seguir siendo categorías para la clasificación y jerarquización de las personas, se entretelen como potencias para la configuración de, por así decirlo, zonas de abordaje de cuestiones complejas del mundo actual, entre ellas las cuestiones de la estética. Allí, se cruzan elementos de análisis de carácter macroestructural (como la matriz colonial del poder, sistema-mundo, geopolítica, diseños globales) con cuestiones prácticas singulares de arte y cultura, historias localizadas que se corporizan (corpo-lítica) también mediante relaciones de poder, en el espacio cultural como campo de batalla ideológico donde se ganan o se pierden las luchas por la descolonialidad.” (Gómez, 2014, p. 22).

<sup>xvii</sup> Na discussão de Pedro Gómez ele usa de três conceitos básicos para exemplificar as lógicas distintas à descolonialidade no sistema-mundo vigente: “ocidentalização”, “re-ocidentalização” e “desocidentalização”. Rapidamente, não querendo desmerecer a valiosa discussão desses, respectivamente, o autor considera a total submissão lógica Ocidental de mundo no primeiro caso – re-ocidentalização; esses seriam aqueles que buscam a ocidentalização tentando viver a descolonialidade visada do segundo conceito, e, desocidentalização seriam aqueles que tentam em vão viver a desaprovção total da ocidentalização ainda que quase não sendo possível. Logo, o aspecto do qual me valho para refutar os três na perspectiva acadêmica, é a *desobediência epistêmica* (Mignolo, 2008) nas pesquisas acadêmicas universitárias ocidentais para não cometerem o epistemicídio contra povos e seus corpos, culturas e conhecimentos, Naturais de vidas e de mundos originários naturalizando-os como objetos abstratos analisáveis apartados das suas culturas. Entretanto, o não entendimento da práxis da desobediência epistêmica como condição de vida descolonial tem levados acadêmico-disciplinados a teorizar sobre artes (não europeias e não estadunidenses) como sendo práticas descoloniais. Uma coisa não está diretamente ligada à outra: fazer arte fora de sistema ou subvertendo o sistema não é viver-corpo a descolonialidade. Desobediência epistêmica, neste caso, requer reconhecer “sistemas” outros existentes. Logo, seria o mesmo que evidenciar outros “sistemas” que não sejam os vigentes e sem querer ocupar o lugar daqueles.

<sup>xviii</sup> Este último ponto pode e deve ser mais bem compreendido na leitura do ensaio recém-publicado (Bessa-Oliveira, 2023).

<sup>xix</sup> “El camino de la vida, la ética y las subjetividades (producir, ahorrar y acumular; consumir, consumir, consumir y ser feliz), no pueden ser resueltos con una transformación de los planes de estudio y la expansión de la tecnología que, hoy en día, son parte del problema: las extracciones mineras que están siendo implementadas por empresas transnacionales en Argentina (por ejemplo en Cerro de Fátima) que contaminan el agua con el fin de lavar la piedra y el detritus y extraer metales para producir más teléfonos celulares, ipods, computadores pequeños y gigantes, etc.” (Mignolo, 2015, p. 88).

<sup>xx</sup> Tenho tratado muito, nos últimos tempos, sobre essas questões da arte como trabalho ou como uma “coisa” que salva por lógicas do ser artista, professor/a ou pesquisador/a. Minhas reflexões consideram pontos bem nevrálgicos nessas situações que fazem parte, nos últimos tempos, das importâncias e desimportâncias que as artes têm tido na sociedade quase que de modo geral enquanto artistas/professores/pesquisadores veem uma importância fundamental em suas ideologias de artes. Sim, ideologia aqui tem o mesmo sentido que nós descobrimos tê-lo nos recentes últimos anos políticos do Brasil.

<sup>xxi</sup> Sobre esta lógica de Arte sem mundos e corpos, venho preparando outro material que discute a perspectiva de que esta Arte nominada de “Arte Contemporânea” – dando continuidade ao Sistema da Arte no Ocidente tendo sentido apenas se vinculada a Arte desde o Renascimento (século XVI) – está Morta de arte, de mundos e vidas diferentes do mundo estabelecido como ideal desde o Iluminismo. Assim, andando na esteira de Walter Mignolo, quero mostrar que também na arte o Renascimento é o lado mais escuro da Contemporaneidade artística porque esta ainda está atrelada à modernidade.

<sup>xxii</sup> Ao contrário do que muito se pensou, arte não vive sem corpo, corpo e arte não fazem quaisquer sentidos sem mundo, mas também aquela, o corpo e esse, o mundo, não sobrevivem sem Natureza.

<sup>xxiii</sup> Precisamos compreender esses (arte, corpo, vidas e mundos) diferentes como possíveis. E, neste caso, uma necessidade, não mais nem sequer como estratégia – porque a Natureza urge por urgência de mudança de pensamentos – é aceitar e passar a usar de lógicas de *paradigmas* outros de vidas e mundos, por conseguinte, de artes, corpos, contra a obrigação do desenvolvimentismo e até a sustentação em muitas evidências atuais. Pois, será que a sustentabilidade tem que existir apenas se vinculada à economia? É preciso salvar o mundo porque do contrário nos faltará mundo para o trabalho?! Ou será que é a economia sistêmica vigente (capitalista de consumir, consumir, consumir para sobreviver) que não deveria ser o regimento vigente para tudo, inclusive para a arte, a Natureza, os corpos, as vidas e mundos, e, até mesmo para qualquer noção de sustentabilidade?

<sup>xxiv</sup> “La aestesis decolonial nos remite al *hacer* (y *haceres*) *decoloniales para liberar la aestesis de la estética*. No se trata de una “nueva estética” sino del desenganche de ambos de la linearidad de lo nuevo y la regulación moderno/occidental de estética. [...]. La creatividad abierta en transcurros de *haceres* decoloniales que se apropiam y despegan del arte, de la estética y se abren a los *haceres* (arte significa habilidad para hacer algo) y a la aestesis (el sentir, el emocionar, la afectividad, la confianza (como dice Alina) y, en últimas, a la biología del amor, tal como lo plantea Humberto Maturana. Después de todo, la decolonialidad no es sólo confrontación con formas política, legales, militares y económicas de dominación sino que es también, y sobre todo, tarea ardua de decolonialidad del conocimiento y de la subjetividad y el encuentro de la espiritualidad liberada del cajón de sastre en que la atrapó la religión.” (Mignolo, 2016, p. 10-11).

<sup>xxv</sup> Propositamente, claro, até aqui não fiz e nem vou promover uma discussão em que singulariza arte ou artesanato. Singularizar, por mais que tenham várias significâncias, por exemplo, ao se falar de uma lógica de Arte Contemporânea, ainda que esta não tenha uma explicação única, é o mesmo que buscar justificar esta ou aquela produção dentro dos mesmos padrões que reforçam, além da diferença entre o que seja arte para o que seja artesanato, ainda que grafados com iniciais maiúsculas, que um é sempre menor do que o outro porque precisam re-forçar o que o Sistema de um ou de outro defende, definem para o que deve ser arte e o que deve ser artesanato; do mesmo modo o que não é Arte porque o é Artesanato.

<sup>xxvi</sup> O trabalho da arte, igualmente a qualquer trabalho neste sistema-mundo, não nos traz apenas felicidades. Primeiro porque o trabalho da arte, em muito, não é reconhecido pelo próprio Sistema da Arte que não reconhece um grande e maior número de trabalhos por meio da arte. Segundo porque em muitos casos o trabalho da arte não gera, nesta lógica de ter para ser para quem só vive este mundo, recursos financeiros para quem trabalha com a arte. De ótica igual, trabalhar com arte, em muitos casos, sequer é visto como trabalho porque a arte não gera sequer recursos suficientes para um Sistema que subsidia o Sistema da Arte, e, ainda, sequer a Arte é trabalho porque sua “função” é no máximo para alguns Sistemas divertir, apaziguar, decorar e/ou salvar pessoas que o Sistema quer muitas vezes se livrar.

<sup>xxvii</sup> Eco-lógico, neste sentido, com tom pejorativo, faz referência à lógica do sistema cartesiano – *ego cogito* – do penso, logo existo. Quer dizer, um sistema dominante em que quaisquer sistemas outros precisam ter a lógica ecológica do sistema que descorporifica – desmata e garimpa – áreas que deveriam ser obrigatoriamente intocadas/preservadas.

<sup>xxviii</sup> “La necesidad de “desprendernos” de tales ficciones naturalizadas por la matriz colonial de poder es la teoría (que) el pensar descolonial convierte en proyectos y proceso.” (Mignolo, 2014, p. 7).

<sup>xxix</sup> “Para tres cuartas partes del mundo el mercado no es un lugar donde se “consume” el salario, sino un lugar de encuentro, de sociabilidad, de intercambio, en comunidades donde se trabaja para vivir y no se vive para trabajar y consumir.” (Mignolo, 2014, p. 7).

<sup>xxx</sup> “Toda forma está na Natureza!” reflete acerca das construções arquitetônico-estruturais, mas não exclusivamente, acercando-se da ideia de que todas as supostas criações atribuídas aos homens (arquitetos, designers, engenheiros, construtores de modo geral) – e seus logo opostos se pensarmos nos binarismos impostos aos gêneros, portanto, mulheres, mas também todos/as/es corpos não-binários – não passam de “simples” ilustradores e adaptadores, respectivamente, de ideias dessas estruturas Naturais (da Natureza) por meio de objetos também naturais, mas naturalizados por meio da industrialização das matérias-primas disponíveis na Natureza. Isto não está, em hipótese alguma, forçando ou mesmo indicando qualquer incapacidade criativo-construtiva do homem, mas quer dizer, que fique claro, que todas as formas constituídas nas “grandes obras” da arquitetura, por exemplo, mundo à fora, mas também das artes e/ou de qualquer outra “especialização” local ou nacional sempre estiveram contidas/os antes na própria Natureza como corpo de todas as e para as coisas. Sempre penso na arquitetura como uma minha segunda opção de vida/via profissional. Acho, mais recentemente, que tem chegado a hora.

<sup>xxxi</sup> Esse entendimento contrário a diversidade como princípio de vidas e mundos, coloca em voga apenas um padrão de arte, cultura e de conhecimentos, do mesmo jeito de docência, de pesquisa e de práticas artísticas (institucionais, quase sempre, mas não somente) que “desenvolvem-se” em padrões únicos para todos os corpos: hegemônicos e colocando os submissos à e sob a lógica de homogeneidade colocada como restrição de convivência porque exige a sobrevida às suas lógicas. Neste caso, por exemplo, as práticas se restringem às lógicas de consumismo e produtivismo comercial em busca de desenvolvimento e progresso, como si, aquém disso, as culturas não ocidentalizadas pelas mesmas obrigações ocidentais, construídas por europeus/estadunidenses, não fossem culturas aptas e capazes a produzir arte, cultura e conhecimentos porque suas bases não estão sequer na comercialização, menos ainda na necessária superexposição buscada por ocidentais.

<sup>xxxii</sup> “[...] las universidades, al igual que Wall Street y Detroit, necesitan ser reguladas. ¿Quién hará ese trabajo y con qué propósito? Si nosotr\*s, todos nosotr\*s, queremos vivir bien en lugar de vivir mejor que nuestros vecinos -como el presidente boliviano Evo Morales ha venido declarando con base en la tradición de la filosofía aimara y no de la filosofía de vida griega e iluminista europea, para la cual la “naturaleza” tiene que ser conocida y dominada-, entonces la regulación tiene que ser pluri-versal y no uni-versal, como lo es en el foro central sobre universidad establecido en Davos.” (Mignolo, 2015, p. 88).

<sup>xxxiii</sup> “[...] -tanto en España como en la América Ibérica- lo poco conocido de los mundos indígenas son estudios sobre los indígenas por parte de académicos no indígenas. De tal modo que este volumen nos recuerda que no es suficiente purgar nuestras culpas estudiando o reconociendo la indigeneidade, dimensión crucial en todas las Américas, destituidas primero por los colonos ibéricos, y luego por criollos y mestizos que fundaron las repúblicas y continuaron la destitución de saberes y praxis de vida, tanto indígenas como afro-descendientes.” (Mignolo, 2021, p. 13).

<sup>xxxiv</sup> Sob as lógicas de que a produção tecnológica, desenvolvimentista e progressista, até mesmo do agronegócio e internacionalização, salvam a “fome” de mundo do planeta, não passa de um desenvolvimento e de um progresso restritos aos mesmos corpos coloniais e colonizadores, ainda que esses estejam, agora, sendo ocupados por aqueles/as que também são colonizados.

<sup>xxxv</sup> “La “descolonización” ya no se entiende en relación a la “toma del estado” sino a una tarea más radical: la de desmontar todo el sistema de conocimiento que sostiene y justifica el Estado moderno y

moderno/colonial associado com a colonialidade económica e com el control de las subjetividades.” (Mignolo, 2015, p. 10).

<sup>xxxvi</sup> “[...] la colonialidade del poder era la lógica subyacente de todo colonialismo occidental [...]” (Mignolo, 2015, p. 10).

<sup>xxxvii</sup> Assim como fiz acerca do termo “desapego”, na nota 13 deste trabalho, vou fazer o mesmo com a tradução de desprendimento ao traduzi-lo *ipsis litteris* do termo *desprendimiento* em espanhol-castelhano como grafado no texto de Mignolo a fim de alcançar o mesmo sentido semântico ainda que em língua estrangeira na língua e pensamento portugueses brasileiros.

<sup>xxxviii</sup> “[...] la tarea necesaria y urgente propuesta por Quijano de desprenderno del eurocentrismo era y es una tarea epistémica y no militar. El primer paso hacia la descolonialidad es pues el desprendimiento (en inglés, delinking), vocablo que titula y guía lo que estamos haciendo [...]” (Mignolo, 2015, p. 10).

<sup>xxxix</sup> “Una vez acordado que si el patrón de poder fue formado en torno a las promesas de la modernidad y su legitimación en la racionalidad, ocultando al mismo tiempo su lado oscuro, la colonialidad, la tarea de desprendernos de la colonialidad estaría constituida por la descocolonialidad. En esos momentos surgió entre nosotros la necesidad de especificar si era más apropiado nombrar la tarea de desprendernos del patrón colonial de poder como “descolonialidad” o “decolonialidad”. Por una parte se comenzó a argumentar que “decolonialidad”, sin “s”, marcaba con mayor definición el desplazamiento (a la vez que la continuidad) con “decolonialidad” lleva el peso de la transmutación de palabras del francés y del inglés (decolonialité, decoloniality) mientras que en castellano el vocablo correspondiente sería “des-colonialidad”. Mi posición al respecto fue siempre que lo importante no era si dejábamos o sacábamos la “s” sino a qué nos estamos refiriendo cuando hablamos de desprendernos del patrón colonial de poder, es decir, de la colonialidad del poder. A partir de ese momento cada uno eligió de acuerdo a sus preferencias. No obstante, el desprendimiento es el primer paso puesto que el desprenderse conlleva la prospectiva, caminar en el horizonte que se abre una vez que nos desprendemos.” (Mignolo, 2015, p. 10-11).

<sup>xl</sup> Me refiro a uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação – Mestrado e Doutorado – em Educação Profissional – PROFEDUC – da UEMS, intitulada ainda provisoriamente de “Contribuições descoloniais ao se pensar uma educação emancipatória e transformadora: perspectivas em currículo e formação de professores” (2023/2024), do acadêmico Mauricio Augusto Nars.

## Sobre o autor

### Marcos Antônio Bessa-Oliveira

Professor Efetivo da UEMS - Unidade Campo Grande - nos Cursos de Graduação em Artes Cênicas, Dança e Teatro - da cadeira de Artes Visuais e Professor Permanente do PROFEDUC - Programa de Mestrado Profissional em Educação. É Artista Visual, Pós-Doutor em Estudos de Linguagens (FAALC/UFMS); Doutor em Artes Visuais - pela linha de pesquisa Fundamentos Teóricos - pelo IA-Unicamp. É Mestre em Estudos de Linguagens e Graduado em Artes Visuais - Licenciatura - Habilitação em Artes Plásticas pela UFMS. Coordena o NAV(r)E - Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas. É Representante Regional - Mato Grosso do Sul-MS - e Membro Associado da ANPAP - Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. E-mail: [marcosbessa@uems.br](mailto:marcosbessa@uems.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4783-7903>.

Recebido em: 06/12/2023

Aceito para publicação em: 09/12/2023